

**UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA DE SÃO PAULO**  
**“Várzea do Carmo, c. 1862”**

**Rodrigo Medina Zagni**



A fotografia feita por Militão Augusto de Azevedo em 1862, na série de imagens que constituiu a primeira fase do álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887), tem como objeto central a várzea do Rio Tamanduateí na região do Carmo, tomada a partir da encosta do Pátio do Colégio, e sua análise explica, sob vários aspectos, a própria conformação e configuração atual da região, possibilitando o resgate de alguns sentidos que se perderam com o tempo, no processo de ocupação do espaço.

Objeto central da imagem, sob vários aspectos o Rio Tamanduateí foi essencial para o desenvolvimento da vila que se tornou cidade. Para os índios estabelecidos nessa região, antes da chegada do colonizador europeu, o fenômeno das cheias regulares do rio, conformando regiões extensas de várzeas ao longo de seu curso, fazia com que um número grande de peixes encalhasse nas regiões que haviam sido inundadas quando as águas voltavam ao seu nível normal, morrendo e secando ao sol. A importância desse fenômeno natural para a sobrevivência das tribos, ao qual se seguia a atividade de coleta desses mesmos peixes, fez com que a designação dada pelos índios ao território fosse “Piratininga”, que do tupi traduz-se como “peixe seco” e demonstra o quanto a sobrevivência dessas tribos estava ligada à ocorrência de suas várzeas. A própria designação Tamanduateí faz menção ao mesmo fenômeno, pois um grande número de tamanduás podia ser visto ao longo das margens abandonadas temporariamente pelas águas que retomavam seu nível normal, alimentando-se das formigas que se aglomeravam em torno dos peixes mortos.

O rio, junto do córrego Anhangabaú, teve suma importância estratégica quando da chegada dos

jesuítas no Planalto de Piratininga, uma vez que as relações conflituosas entre religiosos e tribos indígenas hostis podiam ser constatadas pela escolha primeiro da instalação da missão jesuíta em uma cota topográfica superior, o que possibilitava a observação da movimentação de tribos em evolução de um possível ataque, e desta forma a disposição do curso tanto do Tamanduateí como do Anhangabaú, cujo curso serpenteava o planalto, constituía um obstáculo natural de difícil transposição para tribos mobilizadas ao ataque, dando aos religiosos, assistidos por índios convertidos, tempo para se disporem defensivamente, no que eram auxiliados por um muro que cercava a missão, dando-lhe o aspecto de fortificação militar.

Passemos a tratar do período que nos serve de objeto, ou seja, a segunda metade do século XIX, apenso à imagem que nos dispusemos a analisar. Militão Augusto de Azevedo, que no exercício profissional ao qual se dedicou primeiro no intuito de vender álbuns de fotografia para os estudantes de direito, e depois a serviço do próprio poder público da cidade de São Paulo, captou através de suas lentes uma das principais regiões de várzea do rio Tamanduateí.

Na imagem podem ser visualizados caminhos construídos em meio às águas rasas do Carmo, à direita da fotografia, com uso de tábuas de madeira que facilitavam a transposição da várzea que desta forma obrigava as pessoas a adaptarem seus hábitos cotidianos àquela realidade natural, acabando por configurar um *modus vivendi* peculiar, inclusive na indumentária: a necessidade de transpor essas regiões de águas rasas determinou o uso de botas até a altura dos joelhos para os homens (até mesmo para evitar a picada de víboras e insetos venenosos), e mesmo o hábito usual de se dobrar as calças até os joelhos (de onde surge a figura ainda hoje presente no interior do Estado de São Paulo: o “pula brejo”).

Ainda as mulas eram largamente utilizadas para a transposição das regiões de várzea, uma vez que já estavam ali em maior número se comparadas aos cavalos, pouco aptos a fazerem o percurso de subida da Serra do Mar, por meio dos antigos, precários e verticalizados caminhos abertos pelos índios em meio à espessa mata; as mulas além de poderem fazê-lo, faziam-no levando pesadíssimas cargas. No XIX o uso das mulas se tornou tão comum que uma legislação precisou ser criada para regulamentar seu uso (chegou-se a proibir as passadas largas com as mulas, e a não ser para as ordenanças, o permitido nas ruas da cidade era o trote; houve ainda a indicação de regiões onde as mulas deveriam ser amarradas, defronte às hospedarias).

Além das hospedarias que recebiam os tropeiros e das ordenanças que também se utilizavam do animal, a próxima a explorá-los seria a “C.V.P.”: a “Companhia Viação Paulista” ou carinhosamente chamada pelos paulistas de “Cada Vez Pior”, a encarregada pelos bondes de tração animal, possíveis mais uma vez graças à mula.

Outra dificuldade decorrente das muitas várzeas ao longo do Tamanduateí era a multiplicação do ser que melhor se habituou à vivência em meio às rasas águas, visto tratar-se de seu próprio habitat natural: os sapos. Os moradores próximos a essas regiões constantemente se queixavam, inclusive ao poder público, sobre a ocorrência de esses asquerosos seres invadirem suas casas, passearem pelos cômodos, adentrarem ao conforto dos lençóis, instalarem-se em cozinhas e poderem ser encontrados nos mais inusitados lugares nas mais inusitadas horas, como por exemplo nos cubículos destinados à higiene pessoal e às necessidades fisiológicas, comumente situados em uma edificação separada da construção principal, onde não era raro ser surpreendido por um deles instalado dentro da latrina na hora exata em que repousa o alívio daqueles que procuram a privacidade para atender à sua própria natureza física.

Outros indignados com a situação eram os estudantes de direito, que registraram reclamações ao poder público noticiando a dificuldade em se caminhar à noite pelas ruas da cidade de São Paulo sem que se pisasse em um sapo, esmagando uma grande quantidade dos animais e o mais inconveniente, sujando-lhes assim as botas e calças, pois a iluminação pública do final do XIX era feita ou com óleo de mamonas ou óleo de peixe, que além de iluminar muito pouco impossibilitando a identificação da localização dos sapos (que comprovadamente saem para se socializar preferencialmente à noite), no caso deste último tinha ainda o inconveniente de exalar um odor pouco agradável.

Mas a importância do Rio Tamanduateí, que devemos ressaltar a partir da análise da imagem escolhida (não a partir dos sapos de que se tem notícia), reside na larga exploração de outro de seus inúmeros potenciais, e o mais evidente de todos: a navegação.

Esse potencial não se restringe apenas ao fato de grande parte das residências ao longo das margens do Tamanduateí contarem com piers improvisados, com pequenas embarcações que podiam levá-los a pontos distantes da cidade ao longo do curso do rio, mas estava diretamente relacionado às práticas comerciais.

Sabemos que o início do domínio da região, chamado vulgarmente de “povoamento”, por parte dos europeus invasores, se deu a partir do estabelecimento de missões religiosas jesuítas. Portanto a Igreja como instituição reguladora das normas eurocentricas de convívio social foi a unidade espiritual e jurídico-moral inicial, além de constituir no local onde, por meio dos rituais mágico-religiosos regulares (leia-se: missas), proporcionava a reunião da maior parte dos moradores daquela gélida cidade coberta de brumas. Como unidade de convívio social e que era visitada regularmente por quase toda a população, o comércio escolheu suas cercanias para se estabelecer, ocupando-se principalmente das ruas que ligavam as igrejas.

No caso da imagem analisada, a ocupação comercial em torno do Mosteiro e da Igreja de São Bento, que aparecem à esquerda e ao alto na fotografia, teve muitas de suas facilidades ligadas ao

potencial de navegação do Tamanduateí, que acabava conectando a região comercial com as fazendas relativamente distantes, onde os víveres produzidos podiam ser facilmente transportados em pequenas embarcações e depois descarregados em um porto, situado logo abaixo da ladeira que desce próximo do mosteiro e liga-o visivelmente à várzea do rio, observável da mesma forma à esquerda da fotografia. Essa ladeira, hoje, chama-se “Ladeira Porto Geral”, exatamente porque havia ali um porto, pois ali havia também um rio, que não é mais visível e sequer ali está, pois além de ter sido canalizado foi desviado de seu curso original. O que existe hoje onde antes havia uma das mais importantes várzeas do Tamanduateí? A “Rua 25 de março”.

O Prof. Benedito Lima de Toledo, Historiador da Arquitetura da FAU/ USP, no opúsculo “A São Paulo de Militão Augusto de Azevedo por Benedito Lima de Toledo: visita guiada à sala dedicada ao fotógrafo na exposição São Paulo, 450 anos – A imagem e a memória da cidade no acervo do IMS”, evidencia a importância da região da Várzea do Carmo por se tratar de uma das primeiras e principais vistas da cidade por parte daqueles viajantes que chegavam à cidade vindos principalmente do Rio de Janeiro, entrada pela qual desfilavam figuras ilustres, a ponto de o “Código de Posturas da Câmara Municipal da Imperial Cidade de São Paulo”, editado em 1875 (portanto posterior à fotografia aqui analisada), estabelecer em seu artigo 25 a obrigatoriedade em manter-se apresentáveis, pitadas e caiadas, periodicamente, as “. . . frentes e outões (. . .) bem como os fundos [das casas] que deitarem para (. . .) a Várzea do Carmo . . .”<sup>1</sup>

A existência de um centro comercial hoje na região, composto fundamentalmente por brasileiros cuja descendência direta são os imigrantes que no mesmo final do XIX fugiam das guerras intestinas na Itália, na Alemanha, vindos ainda da Líbia e Síria, que foram seguidos por outras levadas imigratórias de japoneses, chineses e tantos outros, comprova a tese de que, no afã de se inserirem nas práticas comerciais no novo mundo, estabeleceram-se nos locais onde comumente tais práticas já eram usuais, ou seja, nesse caso específico, onde os víveres eram desembarcados no “porto geral” e ali mesmo vendidos aos comerciantes que por sua vez iriam vendê-los à população.

A partir da imagem brevemente analisada, percebemos que ao passo dos sentidos que se perderam, como o próprio nome da Ladeira Porto Geral, deslocado de sua significação original pela atual inexistência de uma várzea, de um rio e assim de um porto, outros sentidos se percebem presentes, constitutivos de processos históricos de mais longa duração na dinâmica de ocupação do espaço ao longo da história da cidade de São Paulo.

<sup>1</sup> São Paulo: IMS, 2004, pp. 14 e 15.

#### FONTE DA IMAGEM ANALISADA:

- São Paulo 450 anos. Cadernos de Fotografia Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2004, p. 63.

A mesma imagem pode ser encontrada ainda nas seguintes publicações:

- TOLEDO, Benedito Lima de Toledo. A São Paulo de Militão Augusto de Azevedo por Benedito Lima de Toledo: visita guiada à sala dedicada ao fotógrafo na exposição São Paulo, 450 anos – A imagem e a memória da cidade no acervo do IMS. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2004, p. 15.

- São Paulo 450 anos: de vila a metrópole. São Paulo: BEI Comunicação, 2004, p. 42.

#### Descrição:

Por meio da análise de uma fotografia de Militão Augusto de Azevedo, tratando-se de uma vista panorâmica da Várzea do Carmo, tomada em 1862, procuramos abordar questões relacionadas às problemáticas no processo de ocupação do espaço no período de rápido crescimento assistido na São Paulo do século XIX.